

Clássico revisitado

Peça de Nelson Rodrigues com direção de Bruce Gomlevsky ganha elenco negro para discutir questões como racismo e opressão

Nahima Maciel

Com um elenco que abarca atores entre 20 e 80 anos e uma família preta entre os protagonistas, a versão do diretor Bruce Gomlevsky para *Bonitinha, mas ordinária*, clássico de Nelson Rodrigues, propõe uma montagem que espelhe a sociedade brasileira. No texto, Werneck, um poderoso e rico empresário, designa o genro, Peixoto, para encontrar um marido para a filha, vítima de um estupro coletivo. Selecionado entre os funcionários do

empresário, Edgar, um rapaz simples, não aceita a incumbência, pois está em um relacionamento com Rita, por quem é apaixonado.

A trama se estabelece em torno das tensões éticas e morais que dizem respeito às escolhas de Edgar, pressionado a aceitar a missão em troca de um cheque robusto. “A peça fala sobre ética, corrupção, amizade, relações familiares, incesto”, avisa Gomlevsky. “Será que o ser humano, inevitavelmente, tem um preço? Ou pode ser incorruptível?”. No palco, o elenco é formado predominantemente por atores negros, incluindo a família de Rita, namorada de Edgar. O diretor conta que sempre se sentiu incomodado pela maneira como alguns personagens se referem a outros, no texto original, como crioulos.

Segundo Gomlevsky, Nelson Rodrigues tinha uma postura antirracista validada, inclusive, por Abdias do Nascimento, para quem escreveu *Anjo negro*. “E me incomodou fazer um espetáculo só com brancos, então veio a ideia e convidar um elenco negro. Agora, o fato de estarmos falando sobre isso em 2024 já denota o racismo imenso que reina nesse país. Se ainda causa alguma surpresa uma peça do Nelson protagonizada por negros, é sinal de que o Brasil é muito racista”, lamenta o diretor.

Ele acredita que evidenciar o racismo e situações de opressão também eram propósitos do texto. “Basicamente, tem uma questão no texto que me incomoda, que é a questão dessa elite brasileira, essa elite do atraso, para usar a nomenclatura do Jessé de Souza, que está há 200 anos no poder

oprimindo e explorando as classes trabalhadoras. Essa elite que corrompe e é corrupta”, diz. Para o diretor, Nelson Rodrigues é um autor que sempre incomodou a esquerda e a direita. “É um autor amoral. E muita gente quer cancelar, mas ele precisa ser discutido, encenado.” Gomlevsky avisa que não mudou uma palavra do texto original de *Bonitinha, mas ordinária*, encenada pela primeira vez em 1962. “E ainda reflete a realidade brasileira. Essa peça é um raio-X do Brasil”, avisa o diretor.

SERVIÇO

Bonitinha, mas ordinária

De Nelson Rodrigues. Direção: Bruce Gomlevsky. Com: Emílio Orciollo Netto (Edgard), Sol Miranda (Ritinha), Júlia Portes (Maria Cecília), Ricardo Blat (Werneck) e Sylvia Bandeira (Dona Lígia). Hoje e amanhã, às 20h, e domingo, às 19h, no Teatro da Caixa Cultural (Setor Bancário Sul Q. 4/Lotes 3 e 4). Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia). Não recomendado para menores de 16 anos.

FOTOS: RAFAEL MENTIGES



Elenco negro e foco na opressão e na corrupção são marcas da montagem de *Bonitinha, mas ordinária*